

IMAGENS DA MULHER NO LIVRO DIDÁTICO

Monografia apresentada como exigência
para aprovação no Curso de Sistemática
do Trabalho Individual e de Grupo.

EP - 150

1699

CLÁUDIA DOURADO DE SALCES
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

Campinas, Junho de 1991.

UNICAMP - 1991

Mulher virtuosa quem a achará?
O seu valor ultrapassa o das mais finas jóias.
O coração do seu marido confia nela, e não haverá falta de ganho
Ela lhe faz bem, e não mal, todos os dias da sua vida.
Busca lã e linho, e de bom grado trabalha com as mãos.
É como o navio mercante que traz de longe o seu pão.
É ainda noite, e já se levanta,
e dá mantimento à sua casa,
e a tarefa às suas servas.
Examina uma propriedade e adquire-a;
planta uma vinha com as rendas do seu trabalho.
Cinge os lombos de força, e fortalece os seus braços.
Ela percebe que o seu ganho é bom;
a sua Lâmpada não se apaga de noite.
Estende as mãos ao fuso, mãos que pegam na roca.
Abre a mão ao aflito; e ainda a estende ao necessitado.
No tocante a sua casa, não teme a neve,
pois todos andam vestidos de lã escarlate.
Faz para si cobertas, veste-se de linho fino e púrpura.
Seu marido é estimado entre os juizes,
quando se assenta com os anciãos da terra.
Ela faz roupas de linho fino e vende-as,
e dá cintas aos mercadores.
A força e a dignidade são os seus vestidos,
e, quanto ao dia de amanhã, não tem preocupações.
Fala com sabedoria, e a instrução da bondade está na sua língua.
Atende ao bom andamento da sua casa,
e não come o pão da preguiça.
Levantam-se seus filhos e lhe chamam ditosa,
Seu marido a louva, dizendo:
Muitas mulheres procedem virtuosamente,
mas tu a todas sobrepujas.
Enganosa é a graça e vã a formosura,
mas a mulher que teme ao SENHOR, essa será louvada.
Dai-lhe do fruto das suas mãos,
e de público a louvarão as suas obras.

ABREVIATURA DOS LIVROS DIDÁTICOS CITADOS

<u>Abreviatura</u>	<u>Título do Livro</u>	<u>Autor</u>
B.L (*),	Atividade de Comunicação e Expressão	Zélia Almeida
B.P (1),(2),(3)	Brincando com Palavras	Joanita Souza
C.E.C (2)	Comunicação e Expressão	L.A Cadore e Lucina Passos
H.A (*)	Hora Alegre	Gilda Piedade e Icíola
H.C.E (1),(2),(3)	Horizontes da Comunicação	Neda Lian B. Martins
J.B (1),(2),(3),(4)	João de Barro	Domingos Paschoal Cegalla
P.L (3)	Pingos de Leitura	Norma C. Leite e Maria E. Generoso
P.M (1),(2),(3),(4)	Português Moderno	Débora Pádua Mell Neves

Os algarismos à direita das abreviaturas indicam os volumes dos quais foram retiradas as citações

(*) Cartilha

Í N D I C E

1. Introdução.....	01
2. A Mulher no Livro Didático.....	03
2.1 - Forma como é ilustrada	
2.2 - Traços, características e atitudes	
2.3 - Papéis na família	
3. Atividades.....	12
3.1 - Lazer, jogos e brinquedos	
3.2 - Tarefas, atribuições e profissões	
4. Consequências na prática escolar.....	20
5. Conclusão.....	22
Notas.....	23
Bibliografia.....	24

1. INTRODUÇÃO

A partir da década de 60, houve uma maior preocupação em relação ao Livro Didático como instrumento de ensino a nível nacional e internacional. Questões como o alto preço, atualização, padronização, censura, tempo de uso e seu monopólio estatal eram as que mais preocupavam as instituições educacionais, a professores, ao governo e até as editoras. Vários órgãos foram criados para o Livro Didático: CNLD (Comissão Nacional do Livro Didático), a 1ª a ser criada no início da década de 30; INL (Instituto Nacional do Livro); COLTED (Comissão do Livro Técnico e do Livro Didático); PLIDEF (Programação do Livro Didático) Banco do Livro; FENAME (Fundação Nacional do Material Escolar). NO entanto, não produziram resultados que realmente correspondessem às expectativas de um programa educacional satisfatório.

No Brasil, foi só a partir de 1982 que começaram a surgir os primeiros Conselhos Estaduais da Condição Feminina e apenas no final de 1985 foi criado o Conselho Nacional dos Direitos da MULHER. Refletindo esse retardo e ainda a postura das autoridades educacionais não priorizarem o combate ao sexismo diante dos demais problemas enfrentados pela Escola Brasileira, o ritmo da ação governamental é lento e as iniciativas têm sido esparsas. No início da 1986, técnicas das Secretarias Estaduais e Ministérios da Educação e Cultura vêm iniciando a elaboração de propostas preliminares de combate ao sexismo.

O presente trabalho, tem portanto, o objetivo de mostrar que o Livro Didático, um dos únicos meios de acesso ao conhecimento que a maioria das crianças tem e que adotam como modelo, está cheio de preconceitos e ideologias. Não se propõem, na maioria desses livros, novos valores; não se procura fugir nem um pouco aos esquemas tradicionais, nem se refletem quaisquer transformações pelas quais vai passando nossa sociedade. E o pior de tudo isso, é que a escola e muitos educadores consideram como normais e aceitáveis, certos valores e concepções impostas pelo Livro Didático.

O Livro Didático deveria em sua função, socializar a criança para que a mesma possa se desenvolver intelectualmente livre de preconceitos, modelos ou padrões sexuais, para formação de uma personalidade própria, e não moldada por uma "ideologia didática".

Infelizmente, a mulher no Livro Didático é mostrada à criança de maneira estereotipada, inculcando modelos de comportamento, a titude e traços que muitas mulheres hoje em dia, já conseguiram superar e isso repercute no fato de que esses textos ideológicos estão fora da realidade de muitas crianças.

É preciso reavaliar, reestruturar o sistema educacional como um todo, no sentido de livrá-lo de outros preconceitos e ideologias, para que ele seja capaz de abrir os horizontes das crianças e não manipulá-las.

O Livro Didático, como maior representante do ensino, deve despir-se de modelos e estereótipos para que a criança possa ter consciência de que ambos, homens e mulheres, são igualmente capazes e competentes, desempenhando importantes papéis na sociedade.

2. A MULHER NO LIVRO DIDÁTICO

2.1 - FORMA COMO É ILUSTRADA

Praticamente, em quase todos os itens que indicam um posição de destaque na ilustração privilegiam as personagens masculinas. Além de serem mais frequentes, são usados como representantes da espécie, ou seja, grupo de pessoas ilustradas são principalmente masculinas. Também tendem a ser mais frequentemente ilustrados isoladamente e são mais mostrados como seres humanos (entre as mulheres, há uma maior frequência de personagens de outra natureza como animais, seres fantásticos, religiosos e antropomorfizados).

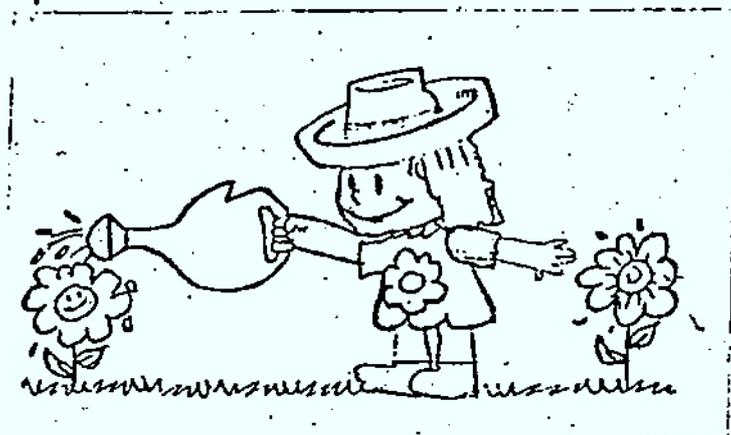
As ilustrações também ressaltam a divisão de papéis sexuais quando enfatizam a imagem da mulher doméstica e o trabalho profissional como característica exclusiva do homem. Além disso, as personagens masculinas são mais representadas em meio externo do que as femininas que tendem a ser mostradas principalmente em lugares protegidos e em atitudes mais passivas e mais afetivas.

As personagens históricas e famosas, o personagem principal, o herói das histórias, são praticamente atribuídos à imagem masculina. Porém, não é somente através da presença e do papel desempenhado que se percebe a prioridade dada à imagem masculina, mas através do tratamento diferenciado que ele recebe no texto e da sua maior complexidade como personagem. As personagens são individualizadas através de um nome próprio, servem como referencial para identificação de outros indivíduos, e são representadas negativamente.

O homem aparece como um ser voltado para o mundo, atuando fisicamente, temporalmente, profissionalmente e culturalmente; a mulher tem uma atuação mais restrita e voltada para a família e a vida doméstica. A importância do homem como profissional se evidencia pelas diversas atividades que ele desenvolve nas histórias, exercendo vários tipos de profissões, principalmente aquelas de prestígio e poder. Já a mulher, exerce poucos tipos de profissões, desempenhando atividades menos valorizadas socialmente e comumente associadas ao sexo feminino.

Dessa maneira, o homem aparece sempre como um indivíduo empreendedor, ativo, curioso, agressivo, reconhecido e avaliado

principalmente pelas suas realizações e cuja autoridade raramente é questionada. A mulher, por sua vez, é mostrada como um ser passivo, emotivo e afetivo, sendo suas qualidades morais e de caráter, as mais enfatizadas. Ao contrário do homem, é sempre questionada a sua autoridade.



"Quem rega as plantas?
Quem rega as plantas é Cecília
Que menina caprichosa!

H.C.E (2), p.24 e 25

"Aline, a jardineira cuidava carinhosamente
das flores".

C.L (4), p. 26



"A casa de Renato e Cecília é
enfeitada com flores.

2.2 - TRAÇOS, CARACTERÍSTICAS E ATITUDES

Nos livros, nos deparamos com mulheres que sempre estão fazendo serviços domésticos e cuidando dos filhos. Portanto, enfatiza-se a imagem da mulher como aquela que dá, que cuida e ajuda, enfim que desempenha a função que a sociedade lhe atribui. Como repositora e mantenedora da força de trabalho, acaba possibilitando ao homem condições para sua função de trabalhador ativo.

A mulher, principalmente nos livros de 1ª a 4ª série estão quase sempre cantando, fazendo, esperando, cuidando, abraçando, preocupada, parecendo ter o papel de vigia e mágica.

As personagens femininas, adultos e crianças, são sempre sub-representadas e pouco valorizadas. "A mulher exerce um papel social que lhe permite, no máximo, representar uma simples ajudante!"

O menino é considerado sempre como corajoso e inteligente, pois aparece, na maioria das vezes, como alguém audacioso ou ocupado com um brinquedo que exige raciocínio. A menina, tida como medrosa e frágil, está com o bercinho, a mamadeira, a boneca e todos os artefatos que a indústria criou a partir do ambiente doméstico.

Notamos que as meninas, desde cedo, assumem todos os comportamentos, atitudes e formas de viver, características da futura mãe. São indecisas, passivas, dependentes; obedientes, submissas e servis; bondosas, carinhosas, prudentes e alegres; lindas e vaidosas; bobas, choronas e medrosas.

"Maria é uma menina muito trabalhadeira...
...Hoje está fazendo meias de lã"...

H.C.E (1), p.50

"Ana vai à casa da vovó.
Leva uma lata de goiaba.
Ana é muito educada".

H.A (8), p.34

Sempre fechado pelas paredes da casa, o mundo infantil feminino só abre as portas até o jardim ou ao quintal.

Longe das vassouras, agulhas, flores e bonecas, a incapacidade das meninas é gritante. A elas atribui-se a função de

nhecimento face aos acontecimentos e uma total incapacidade de reagirem sabiamente numa situação desagradável, enfrentando-a e resolvendo-a como o fazem os meninos.

O choro é mostrado como característica própria da menina em todas as ocasiões, mesmo em fatos simplórios, denunciando a fraqueza feminina.

Já, ao menino, não se permite o choro, qualquer que seja a situação de desagrado ou sofrimento físico, moral ou psicológico em que ele se encontre. Além de se estar roubando ao menino grande parte de sua afetividade, afirma-se que as reações emocionais são inferiores e como tal, típicas de "caráter feminino". Assim, o choro é sinônimo de feminilidade e o não-choro, masculinidade.

"O meninão alegre entristeceu. Apanhou a rosa, envergonhado, se escondeu num canto, porque homem não chora e ele estava chorando".

J.B (2), p.45

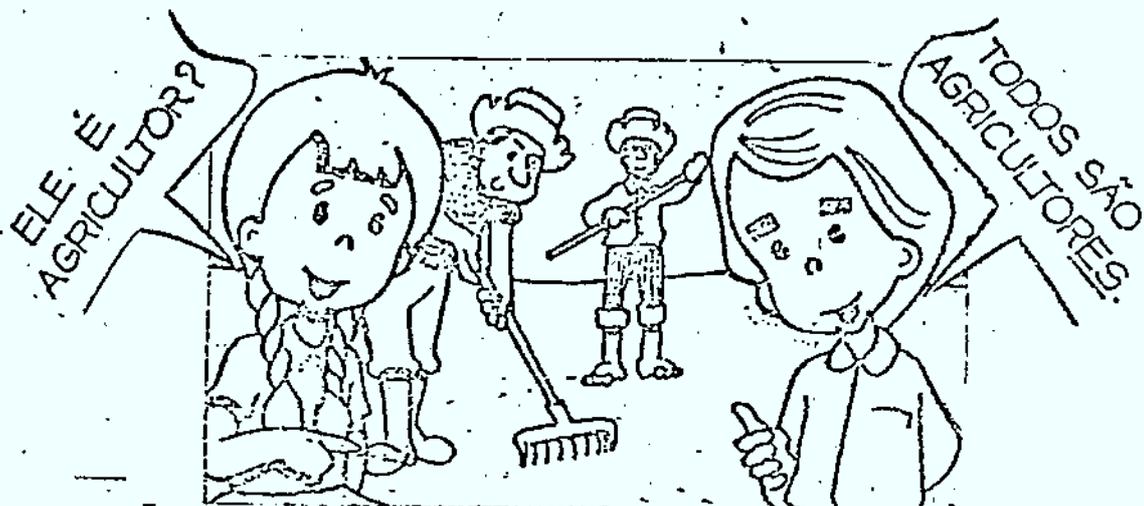
"Você diz que não chora porque é homem?"

Mas, afinal, por que homem não chora?"

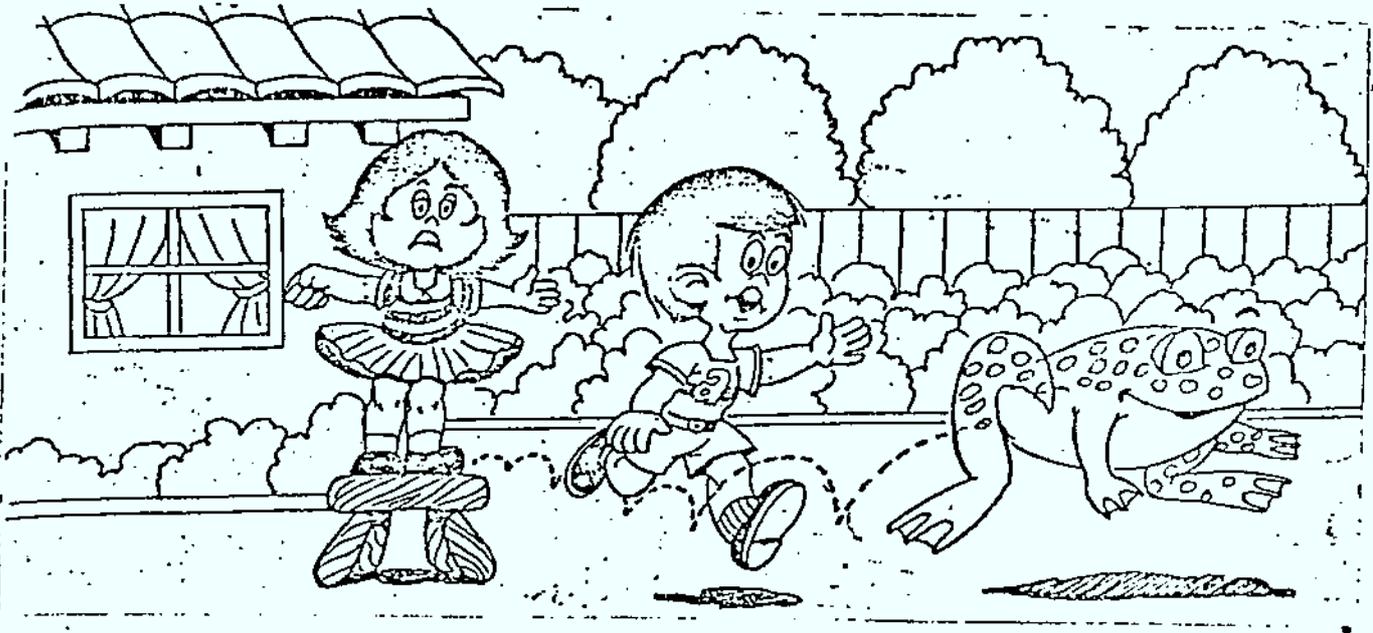
—Porque homem tem que ser forte".

P.M (3), p.85

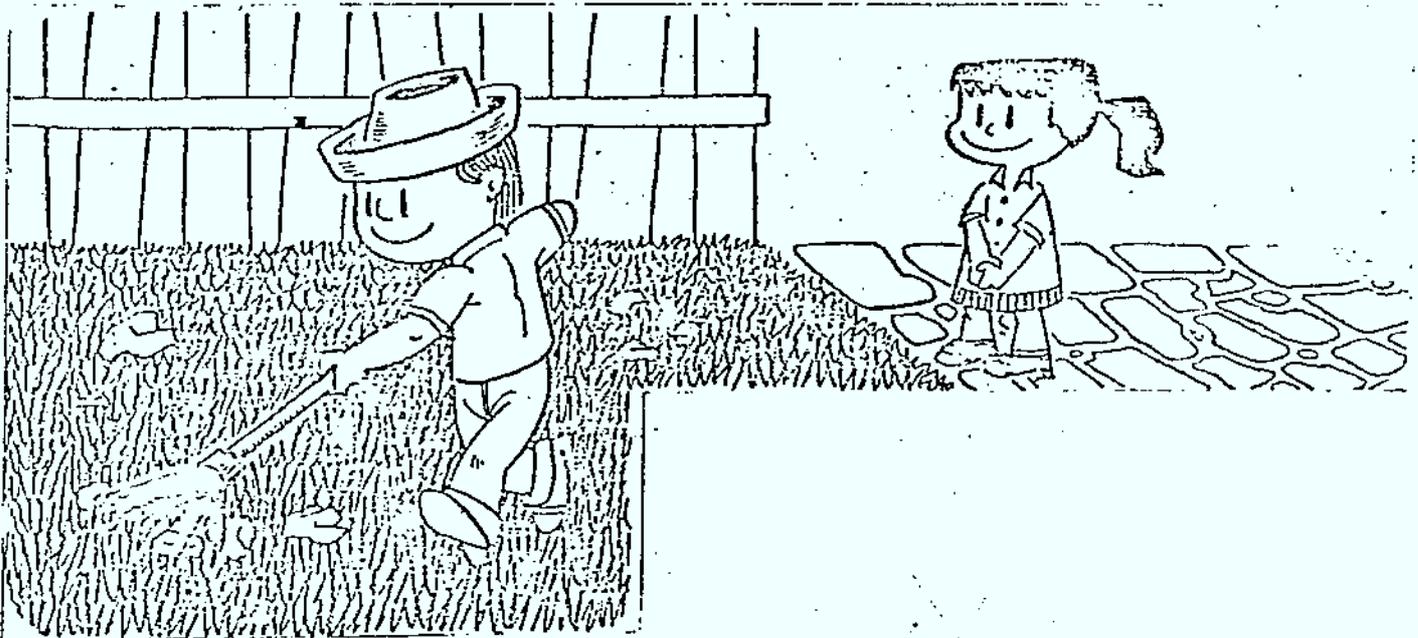
Nos pequenos diálogos reforçadores de estruturas gramaticais, quem pergunta é a menina e quem responde é o menino.



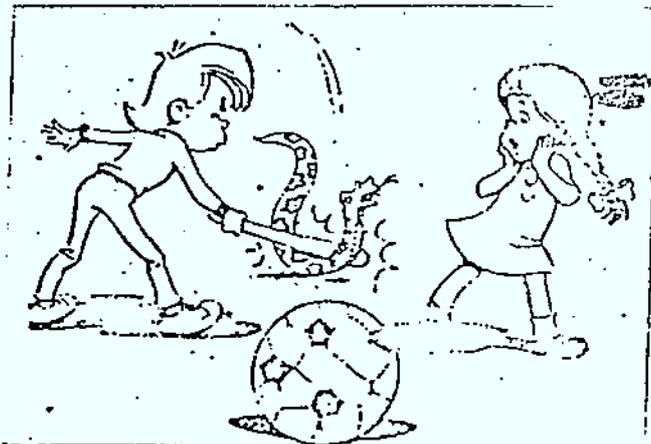
C.E.P (3), p. 113



C.E.A (1), p. 44



H.C.E (2), p. 11



C.E.P (4), p. 49

Os autores das piadas, estórias engraçadas ou peças pregadas em alguém são os meninos. À menina não é permitido o riso, a graça, a brincadeira, a irresponsabilidade...

As características masculinas como desobediência, distração, peraltice, teimosia, são tidas como compreensíveis e próprios da infância masculina, sendo valorizados pelo sentido de independência, individualidade e vontade própria que eles revelam.

"Lula viu um periquito.

O moleque quer cutucá-lo.

...Que moleque mau!

B.L (*), p.60

Há uma proximidade do menino com a infância e da menina com a adultez que poderia favorecer a menina e no entanto, depreci-a, pois enfatiza sua inaptidão como adulta (trabalhadeira, boba, ignorante) e sua demasiada infantilidade como criança (chorona, assustada, medrosa). Por outro lado, a insegurança, o medo e o choro do menino são silenciados.

A figura feminina adulta veiculada por esses Livros Didáticos, afirma com mais sutileza e ambiguidade, o modelo de submissão e apatia para a menina. A garota muda e cinzenta, docilmente a serviço dos outros na infância, assume irremediavelmente na adultez, a posição secundária para a qual foi destinada. Qualquer que seja seu papel retratado nesses manuais - mãe, tia, avô - sua vida denomina-se em virtudes exclusivamente "femininas" - bondade, submissão, paciência, humildade, amor e sacrifício.

"Mamãe, você é bonita
mesmo vestida de chita
ou vestida de algodão
porque a sua beleza
não precisa de riqueza
está no seu coração".

C.E.P (3), p.66

2.3 - PAPÉIS NA FAMÍLIA

A mãe que aparece no Livro Didático é perfeita, sem conflitos e de felicidade e união entre todos os seus membros formada ' de pai/mãe e dois filhos, sendo o maior e mais velho do sexo masculino. É interessante notar que as crianças passam da infância diretamente para a paternidade/maternidade, onde encontramos a sexualidade restrita á reprodução da espécie, enclausurada na família.

Só encontramos nos livros, a mulher-mãe dedicada ao serviço doméstico e à criação dos filhos

Nos livros de Educação Moral e Cívica, por exemplo, só aparece a mulher quando se fala da família, pois é dentro dela que a mulher ocupa um lugar definido. Não se espera nem se estimula que ela ocupe qualquer outro lugar na sociedade.

A mãe está sempre às voltas com as panelas, os filhos e as compras, aparecendo inclusive a imagem da mulher/mãe, associada à flor, como enfeite, objeto: "A borboleta pousa nas rosas/A rosa enfeita a casa, o jardim, a mesa/Mamãe é a rosa que enfeita a casa, a mesa, o jardim."²

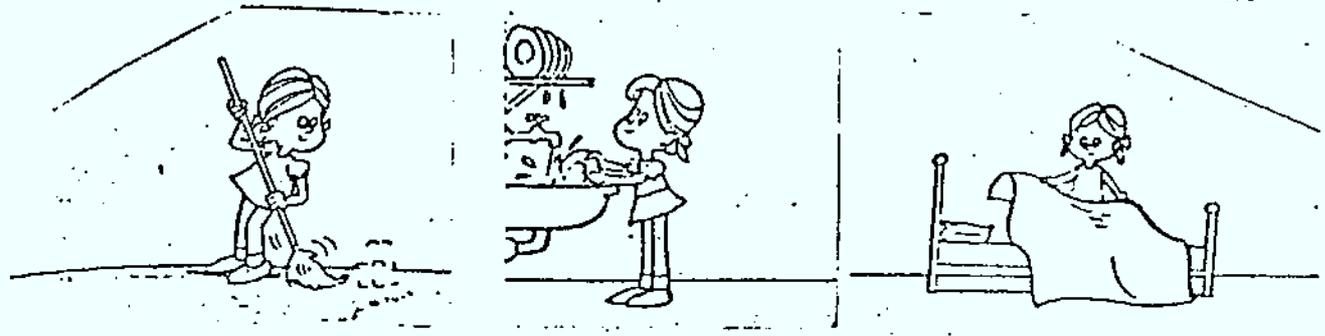
A figura paterna, muitas vezes limitada em sustentar o lar e fazer passeios, faz com que se esvazie a personalidade de cada pai, tornando-o um indivíduo único.

A mãe é sempre vista como um ser superior, excepcionalmente bom e perfeito, ao qual os filhos serão eternos devedores pelo imenso amor que lhes foi dedicado e aos inúmeros sacrifícios feitos por eles. Eternos devedores, porque não há como pagar uma dívida tão imensa.

"Cuida de tua mãe de modo que nada lhe possa faltar. Sê para ela dedicado, bom e obediente. Mas não julgues que poderá pagar, algum dia, o que lhe deves, pois é uma dívida tão grande, que nem mesmo todos os tesouros da terra a poderiam resgatar".

P.L (3), p.58

Esse excesso de elogios dedicados à mãe parece ser uma forma de castração da mulher, no sentido de obrigá-la mediante chantagem emocional muito forte, a permanecer desempenhando esse papel. Seria uma forma de impedir qualquer revolta da mulher.



C.E.B (4), A. 51



H.C.E (4), p. 89



C.E.2 (2), p. 106

do explorado.

A mãe, segundo os Livros Didáticos, se relaciona de maneira bastante uniforme com seus filhos:

- dá amor puro, carinho e proteção;
- faz sacrifícios;
- cuida do bem-estar material;
- consola espiritualmente;
- perdoa sempre.

Podemos concluir que a imagem da mulher veiculada pela maioria dos Livros Didáticos de 1º grau, é uma imagem limitada e limitante. É a mulher ocupada com pequenos problemas, em atividades que nada têm de criativas e que restringem as possibilidades de desenvolvimento de sua personalidade. Transmite-se o pequeno mundo da "rainha do lar" como o mundo próprio da mulher, ser frágil, dócil, destinada a servir ao homem e a "enfeitar" sua vida. O mundo da produção, das artes, das ciências, as lutas políticas, tudo isso fica num mundo de fora que não deve lhe interessar. Essa imagem vem reforçar uma divisão de papéis sociais estereotipada entre os dois sexos, que é mostrada como natural, comum, eterna. A educação da mulher nesses moldes sufoca sua criatividade, restringe suas possibilidades.

3. ATIVIDADES

3.1 - LAZER, JOGOS E BRINQUEDOS

A vida prazerosa, aventureira e irresponsável das brincadeiras infantis não existe para a menina. Enquanto os meninos passeiam de bicicletas ou patinetes pelas ruas, caçam, pescam, acampam, visitam parques, zoológicos, dirigem carrinhos, trens, derrubam ninhos das árvores, fazem voar arraias coloridas, as meninas, colhem flores, a calentam bonecas, embalam-se em balanços ou, com olhar cobiçoso, admiram as peripécias dos meninos. Só os meninos têm direito às lutas e conquistas do mundo infantil.

-Vamos pescar, Luis? fala papai.

Luis pega sua vara e as iscas...

H.A (*), p.61

"Hoje Hélio foi ao Jardim Zoológico.

Lá havia muitos bichos.

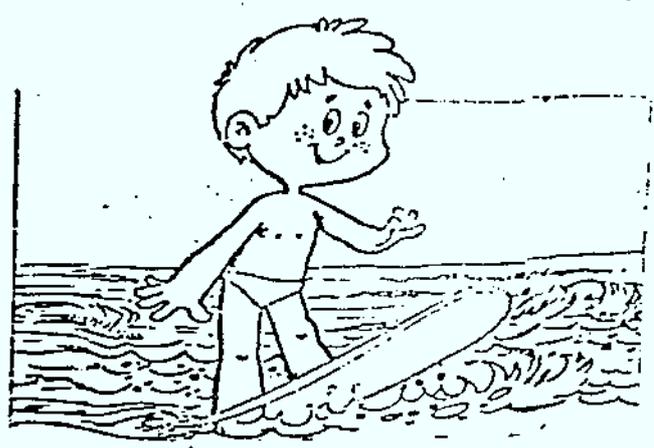
Hélio gosta da hiena e do hipopótamo."

Os meninos parecem viver eternas férias, devido a diversidade de programas e passeios em que se vêm envolvidos. O lazer das meninas é tão contido, comportado e sem atrativo que chega a se confundido com tarefas. Ela não pratica esportes, não constrói, não inventa.

"Marília convidou Jussara e Helena, suas amiguinhas, para o aniversário da boneca Lili. Ela arrumou a mesa, pôs flores nos vasos e preparou o chá".

P.M (1), p.52

Nesse mundo sem cor e sem vida, a menina serve apenas como peça de adorno, portanto substituível e dispensável. Há uma certa estabilidade nas citações: meninas que ganham presentes, dão rosas e bombons; se enternecem com animais frágeis e pequeninos; são cuidadosas e amorosas; se enfeitam e etc. Mas será que os meninos também não podem ser amorosos e cuidadosos? Será que as meninas são naturalmente boas e os meninos temporariamente maus? Ou será que só as meninas têm responsabilidade e os meninos não?

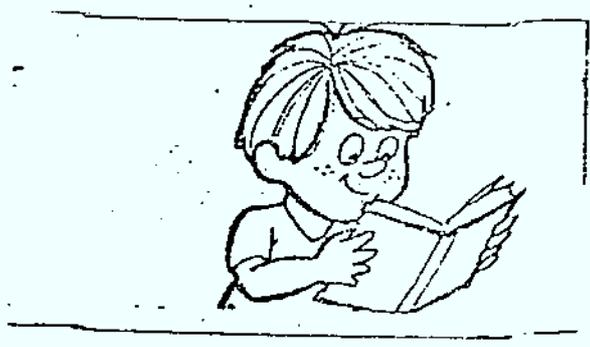
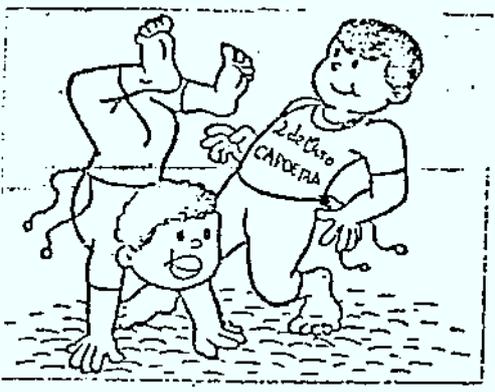


Nadando, correndo,
Naquela piscina,
Está o Orlando,
Que mora na esquina.

Pulando, saltando,
De pernas pro ar,
Vai Lula brincando
Nas águas do mar.

B.L (**), p. 72

B.L (**), p. 72

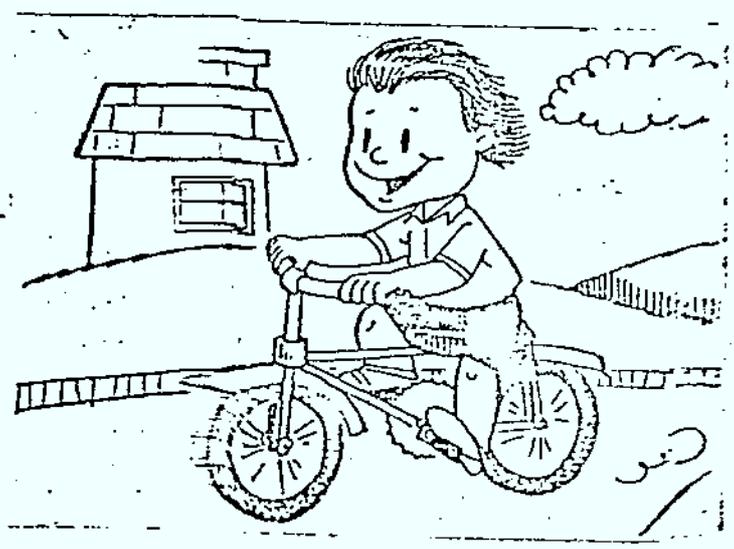


Sérgio e Gustavo gostam
de usar suas roupas de
capoeira quando vão jo
gar.

Fernandinho lê um
livro interessante.

C.E.B (4), p. 62

H.C.E (4), p. 53



Carlinhos ficou contente
porque ganhou um presente.

O barco corre pelo mar...

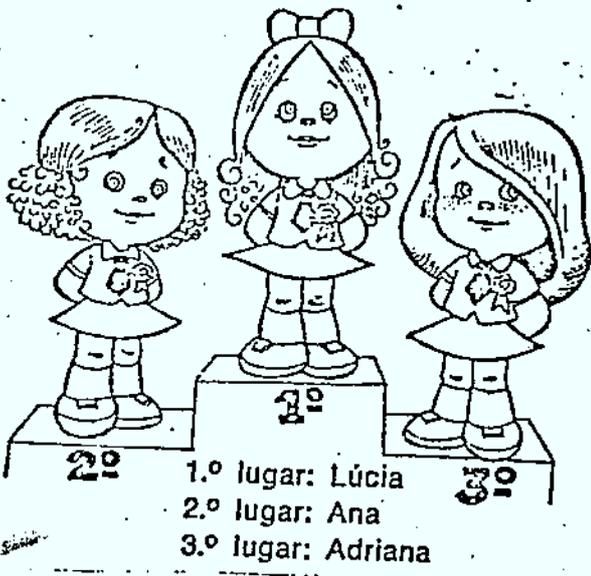
H.C.E (2), p. 10

dia-a-dia rotineiro, desinteressante e desestimulante das quatro paredes de sua casa.

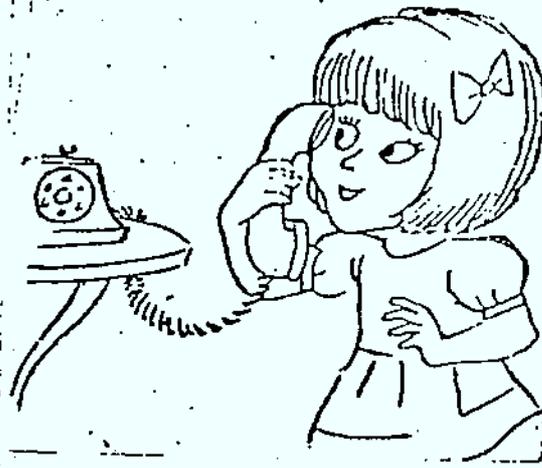
Para a figura feminina adulta, o tipo de vida proposto nos Livros Didáticos não lhe deixa tempo nem espaço para fruir a despreocupação, o desligamento da rotina, a irresponsabilidade merecida. Os limites entre a "não-seriedade" do lazer e a "seriedade de suas abnegações" encontram-se completamente indefinidos. O que ela realiza como tarefa e o que faz como lazer é essencialmente a mesma coisa. Preparar a comida, costurar, limpar a casa é sua obrigação; bordar, tricotar é sua distração. Enquanto os homens, sozinhos ou acompanhados de seus filhos vão a jogos, excursões, pescarias, as mulheres ficam esperando em casa, preparando, sorridentes e felizes, saborosas refeições, ou então esperando-os à porta de casa, de toalhas na mão, ansiosas e preocupadas.

Nesse mundo idealizado pelos Livros Didáticos, a mulher aparece como se estivesse satisfeita com esse modo de viver, diferentemente do montante de mulheres cansadas, insatisfeitas e descontentes que povoam o mundo "real" dos leitores desses materiais. Devemos levar em consideração até que ponto esse distanciamento entre o "idealizado" e o "real" atua negativamente na formação de valores e imagens adequados para o menino e a menina. Até onde meninos e meninas tomam por imitável essa situação desigual?

Infelizmente, os problemas dessa idealização muitas vezes distanciada da realidade de várias crianças, não preocupam os que direta e ou indiretamente produzem, editam, divulgam e utilizam os materiais que veiculam a discriminação da mulher, que discrimina também o homem.



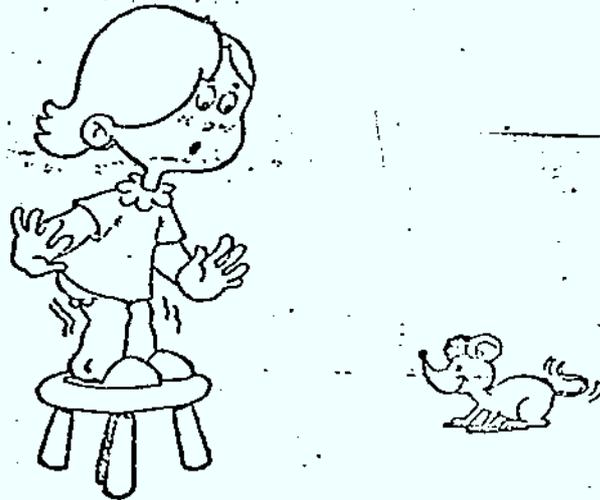
C.E.A (4), p. 35



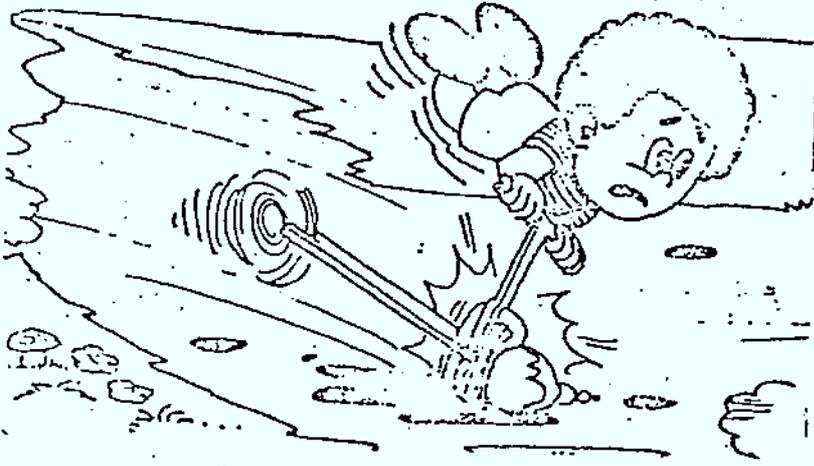
H.A (*), p. 31



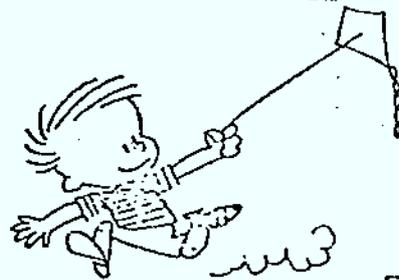
C.E.A (1), p. 33



C.E.A (3), p. 86



G.N (3), p. 40



H.C.E (3), p. 11

3.2 - TAREFAS, ATRIBUIÇÕES E PROFISSÕES

A divisão do trabalho infantil, tanto quanto a do lazer, coloca a menina numa posição de sujeição e inferioridade.

Fora de casa, dificilmente há algum trabalho para a mulher. Se no lazer lhe eram permitidas algumas visitas ao mundo exterior, nas tarefas, as portas desse mundo distante cerram-se-lhe definitivamente, pois a separação do que é "feminino" e do que é "masculino", em termos de tarefas e ocupações, reforça, de maneira sutil e eficaz, um círculo vicioso de dominação.

Para as meninas, o seu contato com as vassouras, panelas, pias, panos de limpeza, já se evidencia o capricho e a exatidão de movimentos, a concentração ansiosa que mais tarde se transformará em perfeccionismo doentio.

Quando aparecem meninos participando de afazeres domésticos, suas atitudes são descuidadas e casuais, despidas de qualquer ritual, com uma atitude de completa despreocupação pelos resultados do que fazem. Até os instrumentos utilizados na realização de determinada tarefa são diferentes. Enquanto as meninas regam as plantas com frágeis regadores, os meninos usam para isso mangueiras de jatos potentes; se a menina colhe flores, o menino, de pá e ciscador na mão, planta e a duba o solo.

"É hora de levantar-se..."

...Mamãe prepara o café..."

P.M (1), p.12

"Mamãe traz a casa muito limpa e arrumada"

B.P (1), p.17

"Depois do almoço mamãe veio para a varanda com a cesta de costura..."

P.M (3), p.90

As profissões femininas veiculadas pelos Livros Didáticos são de professoras, empregadas domésticas, costureiras, doceiras, lavadeiras, enfermeiras, ocupações que as reduzem à condição de mães-substitutas, devido a semelhança entre as tarefas que lhes são atribuídas - ensinar, educar, corrigir, alimentar, curar, proteger, e pelas atitudes a elas destinadas - utilidade, humildade, servilismo, etc.

Todas as atividades ocupacionais femininas identificadas, "não são mais do que a projeção, na esfera pública das tarefas que a mulher realiza no seio da família".³

O homem sempre possui alguma profissão, como porteiro, carteiro, militar, garçom, médico, engenheiro, que sempre representa um trabalho de valor público e social, separado do setor privado da mulher.

"Quem todo dia
De casa sai
Para o trabalho?
É o meu papai".
B.P (2), p.85

O trabalho masculino, além de sério e superior, representa todo o dinheiro do orçamento familiar.

"Papai, com o dinheiro do seu trabalho,
comprou essa linda blusa para mim..."

C.E.C (2), p.43

"Meu pai chama-se César...
...Ele trabalha todos os dias na mecânica.
Trabalha para ganhar dinheiro e o dinheiro é para nós..."

C.E.C (2), p.86

É o trabalho, a fronteira que separa os mundos masculino e feminino. Com o fruto do trabalho produtivo e remunerado do homem, mulheres e crianças se vestem, se alimentam, passeiam, ganham presentes. O trabalho silencioso e invisível da mulher não é contabilizado. Por amor, ela cozinha, lava, limpa, costura, abdica de seus desejos e em nenhum momento, espera recompensa, pois nada há de valor suficiente para pagar tanto amor e dedicação, desenvolvendo nos filhos, um sentimento de dívida eterna e resignada.

Não se discute a possibilidade de uns e outros trocarem de posição, ou pelo menos, executarem as mesmas tarefas. Quem, a partir de quando e por que se destinou a mãe para as obrigações e o pai para os lazeres? Uma para o cotidiano e outro para o eventual? Esse clima de separação e de surdo-mudez instalado nos Livros Didáticos podem efetivamente, educar?

símbolo da luta pela sobrevivência, tendo o salário como prêmio.

Comentando a profissão característica feminina de professora, podemos dizer que ela pode ser caracterizada como segunda 'mãe, portanto sem atingir a importância e a seriedade no universo profissional. Como a mãe, ela é bondosa, carinhosa, dedicada a todos seus alunos, e conseqüentemente suas qualidades ficam difusas quanto a sua capacidade e realização profissional. Porém, à medida que o grau de ensino vai subindo de nível ou os conteúdos, a figura da mulher como professora desaparece dando lugar ao professor de matemática, geografia e disciplinas que exigem um maior grau de conhecimento e/ou capacidades.

O fenômeno de "profissionalização" por que passam atividades chamadas domésticas, ao saírem do domínio feminino para o masculino, repete-se em outros campos. Por exemplo, a alta costura, a cozinha industrializada, o requinte na decoração de ambientes, baseadas no sexo, entram em contradição, pois os grandes mestres nesses campos são homens e não mulheres. Então por que rotular esta ou aquela profissão como exclusivamente feminina ou masculina?

4. CONSEQUÊNCIAS NA PRÁTICA ESCOLAR

Sendo um dos únicos meios através do qual a criança entra em contato com a leitura, o Livro Didático tem se tornado um eficiente portador de ideologias.

Os preconceitos assimilados são assustadores: homem não pode chorar ou fazer tarefas que mulheres costumam fazer; as mulheres são inferiores, fracas e frágeis, devendo ser submissas aos homens; mulher só é bem sucedida em meio às panelas e afazeres domésticos e outros infinitos absurdos preconceituosos.

Esses chavões aos quais me referi, por sua vez, impõem modelos e estereótipos sexuais tanto às mulheres, quanto aos homens também, pois sempre caracteriza um ou outro sexo, por determinadas atitudes que lhes são próprias.

Muitas vezes, esses modelos e preconceitos impostos, causam uma certa confusão entre crianças que não vivem essa realidade tal como é mostrada no Livro Didático. Muitas mães já trabalham fora em profissões não necessariamente maternas ou exclusivamente femininas, outras são o "homem da casa", que, na falta de um marido responsável, lutam, decidem e dominam toda a situação familiar. Mesmo em brincadeiras infantis, há muitas meninas que se divertem com jogos e brinquedos tidos como masculinos e vice-versa. Essa não adequação da realidade aos padrões culturais rígidos difundidos na educação formal, gera dúvidas e contradições na criança, prejudicando o desenvolvimento das potencialidades, tanto dos meninos, quanto das meninas.

Apesar da verdadeira realidade não ser tão idêntica a que mostram os Livros Didáticos, os preconceitos e valores estereotipados, permanecem na mente das crianças. A menina incorpora simbolicamente, a idéia de inferioridade, pois a figura feminina é sempre ilustrada no restrito ambiente doméstico, como se fosse incapaz de exercer outras profissões. Sendo assim, sem a possibilidade de sobrevivência feminina através do trabalho extra-domiciliar, o casamento acaba se constituindo em fonte de sobrevivência.

Outra consequência grave é que a mãe dessa criança que é instruída com esse tipo de livros, por estar mais próxima da criança em seus primeiros anos de vida e escolares, vai passar a

nos dentro de uma perspectiva dualista sexista. Por não ter uma percepção abrangente de seu papel social, vai repassando a estereotipia sexual com a tranquilidade dos inocentes...Sem malvadeza e sem maucaratismo.

Enfim, esta divisão de papéis imposta pelos Livros Didáticos se inicia desde a infância para posteriormente consolidar-se na vida adulta, quando o homem passa a se destacar principalmente no mundo do trabalho, dos negócios, dos sucessos e a mulher, na vida doméstica pacata, conformada e submissa. Os meninos, por exemplo, já cogitam de uma atividade profissional, enquanto para as meninas, o casamento e a vida familiar representam as aspirações mais comuns, isso quando há menção de futuro.

5. CONCLUSÃO

Apresentando estereótipos, e não a realidade vivida, voltada para o passado, e não para o futuro, estimulando ambigüidade, e não clareza, a produção literária para crianças e jovens, está se demitindo de uma de suas funções extraordinárias: a de possibilitar, por sua flexibilidade, uma abertura, uma expansão de horizontes.

É importante deixar claro que a posição da mulher na sociedade capitalista é bem diferente da mulher em sociedades anteriores. Seu papel sofreu alterações necessárias à sua adequação ao modo de produção vigente.

Hoje a mulher está na produção e antes, ela não estava. Se ainda algumas mulheres cuidam apenas dos afazeres domésticos, isto revela que o processo de absorção desta força de trabalho marginalizada durante séculos, ainda não se realizou completamente.

Os papéis sexuais atuais são prejudiciais tanto para os homens quanto para as mulheres. Os que se preocupam com a liberação humana devem visar, não à substituição dos atuais papéis sexuais por algum tipo de papel sexual inovador mas, sim, à criação de condições que permitam a cada indivíduo qualquer que seja o seu sexo, criar livremente suas próprias formas de comportamento, inventando padrões inimagináveis antes que ocorram mudanças profundas. O estabelecimento de papéis sexuais mais igualitários pode ser necessário como um passo intermediário, mas o objetivo a longo prazo é a flexibilidade.

Uma condição importante para a criação de alternativas dentro de uma sociedade é o reconhecimento da necessidade de mudança. Essa **necessidade** não é sempre percebida porque, por mais inadequado para a satisfação das necessidades de dignidade humana que um sistema seja, sempre consegue criar suas justificativas, que são aceitas sem críticas.

A mudança das percepções e papéis sexuais será longa e difícil, mas os benefícios que daí podem advir para todos nós, certamente serão maiores que as dificuldades enfrentadas.

NOTAS

- (1) CHAIM, C. "Em casa, quem manda é o papai". IN MULHERIO. São Paulo, 1 (4) nov/dez 1981.
- (2) NOSELLA, Maria de Lourdes C.D. "As belas mentiras:" 3ª edição: Moraes, São Paulo, 1981, pag.
- (3) LARGUIA e DUMOULIN, 1972, p.31

BIBLIOGRAFIA

- BARROSO, Carmem Lúcia de Melo. "Estereótipos sexuais: possíveis contribuições da psicologia para sua mudança." IN: CADERNOS DE PESQUISA, nº 15, dez/1975, p. 135-137.
- CHAIM, C. "Em casa, quem manda é o papai." IN: MULHERIO, São Paulo, 1 (4) nov/dez 1981.
- EVANGELISTA, O. et alii. "Ele/Ela; opostos, contrapostos ou compostos." IN: ESCOLA ABERTA, Curitiba, 5(10):11, fev/1988.
- _____:"Não existe preconceito no Livro Didático." IN: ESCOLA ABERTA, 5(10):23, fev. 1988.
- FARIA, Ana Lúcia G. de. "Ideologia no Livro Didático." São Paulo: Cortez autores associados, 1984. (Coleção: Polêmicas do nosso tempo).
- HOMENS e mulheres no ringue; quando vencer é não ter que competir. IN : ESCOLA ABERTA, Curitiba, 5(10):15-16, fev.1988.
- LINS, V.L.O. "Os estereótipos sexuais nos Livros didáticos." IN: TOLEDO, R.A.G et alii. IN: A DOMINAÇÃO DA MULHER; os papéis na educação. Petrópolis, Vozes, 1983, p.21-25
- NOSELLA, Maria de Lourdes C.D. "As belas mentiras." (3ª edição), Ed. Moraes, São Paulo, 1981.
- OLIVEIRA, João B.A. et alii. "A política do Livro Didático." Summus editorial, São Paulo, 1984.
- PINTO, Regina Pahin. "A imagem da mulher através dos Livros Didáticos." IN: BOLETIM BIBLIOGRÁFICO.
- ROSEMBERG, F. "Enquanto Eva lavava, Adão lia o jornal." IN: LEIA, São P. 7(89):46, mar/1986.
- RIBEIRO, Z.D. "Falas e silêncios no discurso pedagógico dos textos didáticos." Fortaleza, Departamento de Educação, UFC, 1981, 161p., dissertação de mestrado.